

NA ALEMANHA

Movimento de protesto

Parece enfim acentuar-se na Alemanha um movimento contra a guerra—ou pelo menos contra as suas consequências...—empreendido pelos militantes da social-democracia, sob o acicute das massas operárias e da opinião socialista.

Os socialistas antiguerristas distribuíram um manifesto feroz, apontando como um belo exemplo a luta heróica dos revolucionários italianos contra a guerra. É mais um facto a confirmar o que temos escrito: a atitude antiguerrista dos revolucionários, além de combater o inimigo nacional, proporciona aos camaradas do país «inimigo» uma excelente arma contra o seu próprio governo, um poderoso meio para levantar as massas contra o seu natural inimigo interno e para apresentar os trabalhadores do estrangeiro, não como inimigos de raça, mas como irmãos que lutam pelo mesmo fim. O intervencionismo faz o duplo mal oposto.

O manifesto mostra que o verdadeiro inimigo dos trabalhadores alemães deve ser procurado, não na Itália ou nas nações aliadas, mas na própria Alemanha, no imperialismo germânico, no partido guerrista e na diplomacia secreta da Alemanha, incita o povo de cada país a concentrar as suas atenções nos seus próprios militaristas e imperialistas e conclui deste modo:

«Os inimigos da classe trabalhadora ganham na falta de memória dos operários, na picardia das massas. Mas nós erguemos as nossas vozes. Por quanto tempo continuarão os especuladores do imperialismo a brincar com o povo? Basta, e mais do que basta, desta carnificina! Abaixo os fazedores de guerra deste e do outro lado da fronteira! Acabe-se a matança dos povos!»

Trabalhadores de todos os países, segui o heróico exemplo dos vossos irmãos italianos! Uni-vos na luta internacional da classe operária contra os tramais da diplomacia secreta, contra o imperialismo, contra a guerra, e em favor duma paz concluída no espírito socialista. O principal inimigo dos trabalhadores de cada país está dentro do seu próprio país».

Em resposta ao discurso do rei da Baviera, advogando a anexação da Bélgica, os capitães militantes socialistas Bernstein, Haase e Kautsky publicaram também um manifesto que causou sensação. Entre outras coisas, diz:

«Aproxima-se o momento em que alguns de nós receberão. Permite a social-democracia que vote os créditos de guerra, mas desprezando completamente quando se trata de decisões cujas consequências serão das mais graves para o futuro do povo.»

Entre o nosso povo e o dos outros países beligerantes, manifesta-se cada vez com mais força a necessidade de paz. E quanto as classes dirigentes reconhecem assestadas ante a realização desses votos, milhares e milhares de homens voltam os olhos para a social-democracia, na qual estavam habituados a ver o partido da paz, e esperam dela a palavra salutar e a atitude conforme.

Desmascaradas ante o mundo inteiro as intenções de conquista, tem a social-democracia liberdade inteira de se atar do modo mais enérgico ao seu ponto de vista de princípio e a situação actual faz desta liberdade um dever!

...A disposição actual dos acontecimentos reclama da social-democracia alemã que dê um passo decisivo para esse fim (acordo internacional socialista para estabelecer as bases da paz e reclamar dos governos). Ela vê-se hoje ante este dilema: Ou cumprir o seu dever, ou vibrar um golpe mortal na confiança que ela tem até aqui merecido do povo alemão e do mundo inteiro, lutando pela paz dos povos».

Hum! Esse golpe parece-nos que foi vibrado com a atitude da social-democracia ao declarar-se a guerra e talvez já seja tarde para o curar. E para se impor. Pois a social-democracia pensava deveras vir a ter voz activa nas decisões importantes? Não acreditamos nessa sinceridade dos bonzos burgueses da social-democracia. Eles bem sabiam que ao seu partido só era dado ser um instrumento traçoso nas mãos dos dirigentes: votar os créditos, entrar no côro nacional, acalmar as veleidades revolucionárias da massa operária.

Hoje ainda, esses bonzos acham excessivo o moderado manifesto dos três; e dez membros da direcção do partido publicaram no *Vorwärts* uma contra-declaração (que só três recusaram assinar) dizendo que Bernstein, Haase e Kautsky punham em perigo a unidade da seita! A isso respondeu Haase no mesmo jornal.

Apesar disso, a mesma direcção viu-se na obrigação de publicar outro manifesto—«A social-democracia e a paz!—exortando o governo a iniciar as negociações de paz. Por causa disso, foi sus-

penso o *Vorwärts*, órgão central da social-democracia alemã que parece ter sido já autorizado a reaparecer, comprometendo-se a não prosseguir na campanha pela paz!

Há ainda a notar uma significativa carta aberta, endereçada aos directores da social-democracia e dos sindicatos por mais de setecentos funcionários e militantes socialistas e operários. Eis algumas passagens:

«A massa esmagadora dos camaradas do partido esperava do grupo parlamentar que reclamasse enfim no mês de maio, após dez meses duma luta terrível, cuja duração e resultado são ainda imprevisíveis, o termo imediato da guerra... Mais uma vez a esperança das massas ficou irrealizada!»

Assim como não teve uma palavra de protesto contra a violação da neutralidade belga; assim como recusou elevar a voz contra o torpedeamento do «Lusitania», contra o sistema de represálias que provoca uma emulação de crueldade e mergulha a população civil cada vez mais nos horrores da guerra; assim como deixou de seguir o exemplo dos nossos camaradas sérvios, russos, ingleses e italianos, lutando contra os responsáveis da guerra mundial no seu próprio país; assim como ajudou a cobrir a empresa imperialista com o manto do patriotismo, o grupo parlamentar faltou também completamente ao seu dever naquela circunstância.

...Pomos-vos em guarda contra a continuação da política de 4 de Agosto e de 29 de Maio. Sabemos que exprimimos as concepções duma grande parte dos camaradas do partido e das camadas profundas da população, se pedimos que o grupo parlamentar e a direcção do partido se apliquem enfim à salvação da guerra mundial no seu próprio país; assim como ajudou a cobrir a empresa imperialista com o manto do patriotismo, o grupo parlamentar faltou também completamente ao seu dever naquela circunstância.

No fundo, esta carta-manifesto, cuja reprodução nos jornais foi proibida pela censura, é um libelo formidável, formulado pelos próprios socialistas democráticos, contra o parlamentarismo.

«Mas verão eles isso? Ou continuarão a confiar no grupo parlamentar e nos dirigentes do partido, a esperar deles o gesto libertador, em vez de se fiarem apenas no seu próprio esforço, organizando-se para a acção directa?»

E' o que devem fazer no caso presente e para o futuro em todos os casos, se pretendem realmente conquistar a emancipação social. Nas actuais circunstâncias urge que não se limitem a um simples protesto verbal como em 1870, por mais unânime que seja.

A demonstração de mulheres ante o parlamento, em 28 de Maio, parece ter sido um bom prenúncio.

Pangermanismo e panslavismo

O perigo alemão e perigo russo

Com estas epígrafes, publicamos no nosso número de 23 de Maio um extracto de Bakunine, certos de que todos os nossos leitores, sobretudo os portugueses, compreenderiam o nosso intuito. Não quisemos invocar a autoridade dum grande homem, nem subscrever todas as afirmações e conceitos de Bakunine; mas pois que a sua opinião era manejada contra nós e só o davam como tendo visto e previsto o «perigo alemão», apresentamo-lo a mostrar do outro lado o «perigo russo». Questão de equilíbrio... europeu.

A *Acción Libertaria* de Gijón, é que o não compreendeu assim, mostrando-se toda surpreendida por termos dado aquele trecho, que, segundo ela, prova contra nós, e achando por isso que o supremo Júpiter, possuído da sinistra intenção de nos perder, já começou por nos transtornar o juízo.

O semanário de Gijón entende que o «perigo alemão» é actual, ao passo que o russo é apenas futuro, sendo esta também, no referido extracto, a opinião de Bakunine, que o faz depender, diz *Acción Libertaria*, da política internacional tedesca.

No escrito em questão, Bakunine refere-se á politica interna da Alemanha quanto aos seus súbditos eslavos. Mas a questão das causas e responsabilidades da presente guerra não vem para o caso: quanto a isso, temos dito alguma coisa e muito falta ainda que dizer—1 respeito das causas, que nunca pretendemos que fôrsem exclusivamente económicas, e a respeito das responsabilida-

des, que tocam a todos os Estados.

Agora trata-se do facto consumado da guerra e das suas prováveis consequências. E é dêsse facto consumado (cuja consideração deve agradar á *Acción Libertaria*, que se presume muito realista), é dêsse facto consumado que Bakunine faz depender o grande perigo panslavista—porventura exagerado, como é exagerado o perigo germânico, afim de encobrir o verdadeiro perigo militarista, capitalista e estatal. «Se pelo contrário triunfarem os eslavos, sob a bandeira do Tsar da Rússia, estará a humanidade perdida por muito tempo.» *Si au contraire les Slaves triomphent, sous*

les drapeaux du Tsar de Russie, c'en sera fait de l'humanité pour longtemps. A nossa tradução não encarece a ideia, antes pelo contrário.

Tal qual o perigo alemão, o perigo russo resulta, pois, para Bakunine, da luta formidável que ele previa; e se este perigo é imediato ou não, perguntem-no aos revolucionários russos e, sob o ponto de vista nacional ás populações escandinavas, finlandesas, judaicas, polacas, ucranianas, etc.

Quanto á França e Inglaterra, essas já terão bastante água pela barba com o perigo militarista, que lhes cresce pavorosamente em casa... por causa do «perigo alemão»...

GUERRISTAS OU QUÊ?

Em nosso número de 20 de Junho, dissemos que, estando travada entre dois grupos de Estados uma guerra, *guerristas* são, literalmente, objectivamente, todos os que nela tomam parte voluntariamente, para contribuir para a derrota duma das partes (e portanto para a vitória da outra). Pouco importa se a adesão á ideia da utilidade da luta ás ordens dum governo e em colaboração com todas as classes do Estado é permanente ou transitória e limitada ao caso actual; e se a intenção íntima do combatente ou a sua razão justificativa é esta ou aquela, se cada um dá ao acto material, idêntico em todos, diverso conteúdo ideológico, coisa frequentíssima na vida. Foi o facto positivo, puro e simples, que nós tivemos em vista.

A *Acción Libertaria* não concorda e aduz vários argumentos. (1)

Para definir a guerra propriamente dita (luta entre Estados) e para distinguir o intervencionismo *por meio da guerra* do intervencionismo *por meio da revolução*, empregamos a expressão «intervenção em favor dum dos Estados».

A «realista» *Acción Libertaria*, desprezando o realismo do facto material, diz que tais intervencionistas não interveem em favor dum Estado: a sua intenção é defenderem povos atacados (todos se consideram atacados e todos o são com efeito pelos diversos militarismos e oligarquias), salvarem duma crise certos valores ideais (que, a nosso ver, eles comprometem) e evitarem o militarismo resultante do triunfo germânico (dum triunfo qualquer, ou da guerra, dizemos nós).

«Mas tomam ou não tomam, de facto, o partido dum dos grupos de Estados? Batem-se ou não por um deles? Cooperam ou não, como fim próximo, na vitória dum e na derrota do outro?»

«E como havíamos de chamar então á intervenção contra todos os Estados, aquela que consiste em lutar (com forças e meios possíveis) contra a guerra e contra o «inimigo interno» o que é, a nosso ver, o meio mais pratico e eficaz de lutar também contra o «inimigo interno» dos revolucionários estrangeiros, proporcionando a estes um admirável instrumento de propaganda e acção entre as massas e tirando ao seu governo uma arma perigosa, por ele manejada para obter a adesão do seu proletariado, cimentar a solidariedade nacional e fomentar os ódios de raça?»

E depois, somos nós os sofistas!

A *Acción Libertaria* acrescenta que os revolucionários intervencionistas não propagaram a priori a intervenção em qualquer guerra. Mas a coisa fica agora feita para o futuro: porque em todas as guerras, como em todas as lutas políticas, fácil é encontrar motivo para tomar partido e para intervir por uma das facções; e na verdade não há nenhuma—guerra ou luta política—cujo resultado nos seja absolutamente indiferente, penda para onde pender a vitória. Por isso, a conclusão a tirar daquele raciocínio é que deveríamos adoptar a reformismo, abandonando o método que caracteriza e distingue o anarquismo.

mó militante. A questão toda está no modo de intervir.

Outro ponto. Basta ler o nosso *suelto* do dia 20 de Junho, para ver que não comparámos os conservadores clericais aos revolucionários intervencionistas; para tornar mais clara a nossa ideia, dissemos que até aqueles maldizem a guerra. Não discutimos razões nem intenções.

Mas, objecta *Acción Libertaria*, os conservadores prepararam e provocaram a guerra, ao passo que os intervencionistas lutaram contra ela. Repetimos: não o quisemos negar, nem fizemos confrontos. Mas já agora sempre diremos que muitos intervencionistas só depois da guerra é que parecem ter descoberto o imenso, único e exclusivo perigo alemão. Do contrário, não deviam ter combatido o militarismo em todas as suas formas, mas sim ter aderido á ideia social-democrática da nação armada... nas mãos do Estado, do «exercito novo» de Jaurès. Pelo menos. Em compensação, agora preparam o terreno para esse novo militarismo—equivalente de outro qualquer—se, como é provavel, não desaparecer de todo o «perigo alemão», ou se surgir outro da mesma raça...

Tampouco comparámos o parlamentarismo á guerra (se o tivéssemos feito, teria sido talvez para achar erro mais grave o *guerrismo* do que o *parlamentarismo*). Apenas comparámos o argumento dos que repudiam a qualificação meramente objectiva de *guerristas* com o de certos socialistas que se declaram anti-parlamentaristas, mas dizem fazer parlamentarismo por necessidade de momento.

Com efeito, a argumentação destes é a mesma: repudiam a designação *objectiva* de *parlamentaristas*, resultante do facto material de participarem na acção parlamentar, e invocam para isso razões puramente *subjectivas*.

Guerristas, dizemos nós agora objectivamente; não respondemos-lhes, alegando considerações *subjectivas* e fazendo intervir na definição e na qualificação as suas opiniões e intuições particulares. Como se fosse possível assim qualquer terminologia, qualquer definição!

Que quer *Acción Libertaria*? Que lhes chamemos *realistas*? Isso não pôde ser, pois que nos consideramos tam *realistas* ou mais do que eles. Temos outra maneira de ver e interpretar a realidade; opomos factos a outros factos, hipóteses a outras hipóteses; supomos servir melhor as nossas ideias, aumentar mais eficazmente os nossos «valores ideais».

O semanário de Gijón—que, por sinal, se esqueceu de examinar a nossa melhor comparação: a do nome de *insurreccionais* com o de *guerristas*—rejeita igualmente a apelação de *intervencionistas*. E diz que também achamos imprópria. Ora, nós achamo-la «não muito menos imprópria» do que a de *guerristas*. Nesse caso, até esta última a reconhecemos nós, no aludido *suelto*, como um tanto incerta.

Mas onde estão, em terminologia social, as palavras de significação perfeitamente definida, insofismável e inequívoca?

Nós, afinal, o que quisemos foi mais defender-nos da acusação de malevolência, mostrando

o sentido objectivo da palavra, do que demonstrar a impecável propriedade do termo; e a prova é que temos evitado depois o seu emprêgo, visto ela ofender—a nosso ver, sem razão, tratando-se de gente «realista»—as susceptibilidades de pessoas com quem esperamos em breve caminhar novamente de acôrdo.

Quanto a *intervencionistas*, não podemos deixar de usar o termo, á falta de outro mais preciso e mais exacto, para indicar os que na questão da guerra se separam de nós e da enorme maioria dos anarquistas.

(1) A *Acción Libertaria* diz *guerristas*, *guerrillistas*. Sem querer fazer caturrices de purista, parece-nos que *guerrista* não é bem a mesma coisa. Mas o caso é de pouca monta.

Coisas historicas

12-1804—Funda-se em Zaragoza uma escola técnica de artes e officios.

13-1374—Morre Petrarca, distinto poeta italiano que muito se sacrificou na defesa da liberdade do seu país.

14-1913—Em Avelron dá-se uma violenta explosão do gás, que ocasiona inúmeras mortes.

15-189—Sai em New Jersey (E. U. A.) a *questão social*, semanário anarquista.

16-1913—Os operários dos estaleiros de Hamburgo declaram-se em greve, reclamando melhoria de situação.

17-1907—Conflitos agrários na Rússia, sendo promulgado o estado de sitio em Petrogrado e havendo muitas mortes.

18-1913—Grandes manifestações revolucionárias em Viena do Castelo por causa da carestia do pão. Depois de alguns dias de luta, os operários conseguem ver atendidas as suas reclamações.

Notas de perto

XIV

Meu Caro C

Se não tu, pelo menos alguns dos que terão lido as ultimas *Notas* que te dirigi, devem ter extranhado talvez a minha acrimoniosa atitude para com a nossa aliada Inglaterra. De atenuante a esse *dissabor* serve muito bem a satisfação íntima de que outros saberão destrinçar que me refiro apenas aos capitalistas e financeiros e que considero os trabalhadores de todos os países vítimas da desmedida ambição de todos eles, para quem não ha patriotismo nem nacionalidade que valha.

O socialista inglês, Keir Hardie, num artigo que tenho presente e que ele intitula «Patriotismo Medido em Milhões», dá-nos algumas amostras e cita-nos algumas opiniões insuspeitas do quanto é abnegada e desinteressada toda a obra dos financeiros do seu país. Diz-nos:

«Sir Robert Giffen, uma das maiores autoridades do seu tempo, no comércio e nas finanças dizia em 1899, que as receitas vindas de fóra, em commercio e empréstimos, eram cerca de 118.000.000 de libras, das quais apenas 18.000.000 de libras eram produto de verdadeiro commercio e que as outras 100.000.000 de libras eram de empréstimos coloniais e estrangeiros. Segundo o economista politico, Mulhall, ha um aumento de 90 p. c. sobre a mesma receita em 1882; um aumento de receita de 70.000.000 de libras em 20 anos é boa razão para entusiásticas recepções, etc.

«Em 1909, Sir George Raib fez uma conferencia na «Royal Statistical Society» sobre «Os nossos Interesses nos Empréstimos ao Estrangeiro» e calculava-os em 140.000.000 de libras nesse mesmo ano, ou seja 40.000.000 de libras em 10 anos ou uma média de 4.000.000 de libras em cada ano. «Depois, o ministro da Fazenda, Mr. Lloyd George, em resposta a uma pergunta em 11 de março, declarava.

«A importância total do capital inglês colocado no estrangeiro atinge quatro mil milhões de libras (4.000.000.000 de libras) e a receita do seu rendimento nos empréstimos coloniais e estrangeiros é de *duzentos milhões de libras* (200.000.000 libras) por ano.

Keir Hardie, reune depois es-